

Flor Opazo



Quando a religião não é ética e quando a ética não é religiosa

As relações entre ética e religião necessitam hoje de outros referenciais para serem compreendidas. A simplicidade com que dizíamos que todo comportamento ético tem algo de religioso e toda a religião tem algo de ético se reveste de grande complexidade. E isto não só porque os termos religião e ética precisam ser redefinidos do ponto de vista teórico conceptual, mas religião e ética precisam ser rearticuladas na existência cotidiana de cada grupo de pessoas a partir do seu contexto.

Os tempos atuais revelam que o pêndulo da história dos comportamentos humanos oscila mais para o lado do "indivíduo-centrismo" entendido aqui como uma valorização bastante grande da vontade do indivíduo em detrimento de orientações de vida mais comunitárias. Antes a pertença a um grupo ou a uma comunidade de certa forma predefinía a qualidade ética da pessoa e particularmente a confiabilidade que ela inspirava para si mesma e para o grupo.

Há alguns anos em vários bairros populares de Recife quando se dizia que alguém era "crente" isto significava que se podia confiar nessa pessoa. Gozavam desse qualificativo, sobretudo, os membros da Assembléia de Deus, da Igreja Batista, as Testemunhas de Jeová e provavelmente outras denominações maiores presentes nos bairros populares. Mas, eram as citadas as mais numerosas e as mais reconhecidas pelo povo como sendo as 'igrejas evangélicas'. Muitas vezes até um trabalhador ou

trabalhadora para conseguir um emprego valorizava seu *curriculum vitae* informal apresentando-se como 'crente'. Ser crente era quase sinônimo de ser honesto, confiável, respeitoso e bom.

O mesmo acontecia no interior com a Igreja Católica Romana quando se falava que alguém era católico praticante, fiel cumpridor de seus deveres. Nos meios religiosos a pessoa era reconhecida como possuidora de uma "carta de bons princípios" que a valorizava a seus olhos e aos olhos da comunidade. Até nos tempos da teologia da libertação quando se dizia que tal pessoa era das Comunidades Eclesiais de Base ou da Comissão Pastoral da Terra ou do Conselho Indigenista Missionário, essa pertença indicava já de antemão uma certa confiabilidade. Pertencer a um movimento religioso de cunho social ou simplesmente pertencer a uma igreja já significava a instauração de uma diferença qualitativa moral de uma pessoa em relação à outra, acrescida às diferenças pessoais na maneira de viver e atuar em sociedade.

Hoje este critério popular comunitário de reconhecimento ético, indicador de uma certa integridade de vida e preocupação com o bem comum já não se sustenta mais. A pertença institucional religiosa como a partidária já não é um indicativo da qualidade pessoal do indivíduo e nem é garantia de que a própria instituição à qual se pertence seja ética. Estamos agora navegando por outras águas e é preciso tentar entender a 'oceanografia' do estado atual de nossos oceanos, mares, rios, cascatas e córregos, usando aqui uma analogia aquática.

Será que ainda se pode dizer que as religiões são éticas? Será que se pode afirmar que uma pessoa religiosa é ética?

Creio que em primeiro lugar a situação atual do mundo nos convida a sair cada vez mais dos discursos que afirmam generalidades ou que fazem generalizações. E, sair das generalizações significa também sair de uma concepção antropológico religiosa ingênua a partir da qual a essência da religião seria boa em si mesma. Hoje estamos dizendo que nem a religião é boa em si mesma e nem a pessoa religiosa é necessariamente boa e ética. E isto porque a História, através de sua inexorável mutação tem mostrado que os seres humanos estão vivendo suas crenças e relações desde

referenciais mais existenciais e pragmáticos. E é a partir destes referenciais que começamos a fazer algumas afirmações que não fazíamos antes.

Não há essências preestabelecidas. Não há modelos perfeitos preexistentes que se encarnariam em nossos fugazes comportamentos.

Só há enfrentamentos e buscas de sentido dentro de nossa existência.

Só existe a bondade e a justiça em nossas relações. Só existe a maldade que nutrimos em nós e em nossas relações com os nossos comportamentos individuais e coletivos.

Não há destinos e nem imitações perfeitas; há relações, há heranças, há rupturas com heranças, há algumas novidades e também muita mesmice.

Não há vontade de Deus; há a vontade humana forjando uma vontade para Deus.

Não há projetos preestabelecidos por Deus; há vontades humanas buscando princípios de autoridade que justifiquem seus belos projetos.

Não há uma ética divina; há uma ética humana buscando fundamento para além de si mesma.

Não há mais ideais puros, só há experiências de retidão em meio à frágil caminhada cotidiana; e mais uma vez, só há relações de justiça a partir de comportamentos observáveis, a partir de gestos que se vêem, de benefícios que se vivem, da ternura que se sente.

A transcendência da outra, do outro se vive e se afirma a partir de pequenas práticas cotidianas.

Não há mais amor ao próximo como princípio ideal e idealizado. Só existe o gesto cada vez mais complicado de dividir meu pão no meu hoje, na fragilidade de minha existência, dentro do possível que nos é dado.

Só posso tentar uma relação justa a cada dia visto que meu ego está sempre tentado a pisar o outro, a recusar de muitas maneiras sua existência, sobretudo, quando o outro afirma sua vontade como diferente de minha vontade. Por isso, os princípios nem sempre funcionam, as pregações não levam a quase nada e os estudos bíblicos moralizantes não conduzem à prática do bem.

Nossos oceanos, mares e rios estão sem demarcações precisas. Navegamos em mares abertos, em oceanos que se comunicam, em rios que se atiram ao mar e mares que se encontram com oceanos... Navegamos

em águas misturadas: salgadas e doces, transparentes e barrentas, obscuras e claras. E nelas há peixes se nutrendo de peixes, há peixes matando outros, há peixes fugindo de outros... A vida se nutre da vida, mas não de forma harmoniosa e linear.

Já não basta aprender a remar como antes, é preciso inventar novas formas para sobreviver em mares abertos. É preciso conviver com os monstros, os nossos e os outros e acolhê-los como partes nossas. É preciso reaprender a remar! É preciso aprender a remar sempre de novo a cada idade e a cada nova situação.

Ah! Como é fácil fechar os olhos e gritar pelo nome de Deus e dizer que se experimenta sua intimidade, seu carinho, sua ternura.

Como é fácil dar-se as mãos e recitar o Pai Nosso e abraçar efusivamente o vizinho de cadeira, e sorrir para quem não se conhece e deixar correr lágrimas abundantes... Como é fácil falar "em línguas" e, construir a certeza de uma revelação íntima e privilegiada de Deus em minha vida. Como é fácil sentir-se de repente curado de alguma dor inoportuna e com a cura reforçar o falso poder e a dominação dos pregadores.

E, como é difícil pagar o salário justo, abrir mão de algum benefício pessoal, enfrentar-se com sua própria verdade, crer no direito real a uma vida digna para todos, preferir o bem comum ao bem individual expresso no transporte público, na estrada que favoreça a muitos, nas frentes de trabalho mais amplas, na agricultura que não agrida a terra, na saúde democratizada.

Como é difícil amar ao próximo como a si mesma!

Tenho vivido esta dificuldade a cada dia. E, me dou conta de que as estruturas sociais desiguais que montamos para sustentar nossa vida em sociedade nos impedem de viver os valores nos quais acreditamos. Outro dia, levei uma vizinha a um Pronto Socorro Público. Ela se dobrava de dor e teve que ficar horas para ser atendida e medicada. Passados alguns dias eu também senti uma dor e fui ao Pronto Socorro coberto por meu Plano de Saúde. Tive também que esperar, mas não tanto quanto minha vizinha. Fui atendida com atenção e cuidado enquanto minha vizinha teve que implorar por diversas vezes que a socorressem e a medicassem.

Como amar ao próximo como a si mesma numa sociedade tão desigual? Como não me amar primeiro com

meu Plano de Saúde e amá-la em segundo deixando-a em um estado de dor prolongada pela falta de assistência médica eficaz nos hospitais públicos? Como viver a justiça e o amor se não podemos gozar dos mesmos direitos de cuidar honestamente de nossa saúde?

As instituições religiosas têm nos proposto, ultimamente, uma bondade a ser cultivada em nosso desejo íntimo, mas não nos levam à bondade dos atos, dos gestos, dos comportamentos, dos pensamentos capazes de modificar relações.

Nos convidam a um "estar bem" com Deus em nosso íntimo enquanto os corpos de jovens e velhos jazem nas sarjetas. Levam-nos a implorar a ajuda divina esquecendo-nos de organizar e exigir a ajuda recíproca.

Levam-nos a defender a bondade divina e a acusar a humanidade sedenta de pão e de amor.

Cada vez mais propagam os êxtases intimistas, os consolos transcendentais e mal nos permitem enxergar o nosso mundo cotidiano. Fazem-nos fugir dele, esquecê-lo como obra nossa. Onde estaria a ética, a arte do bem comum, a arte do cuidado de si e dos outros?

O mal, dizem eles, é do demônio, do diabo, do inimigo de Deus! E quem se deixou tomar por ele precisa ser ajudado por meio de exorcismos, de preces e de contribuições à mesa do Senhor. Com isso se enchem de dinheiro, constroem suntuosos templos e vivem na opulência escandalosa. É esta a religião comercial oferecida ao povo, mantida pelo povo, defendida pelo povo, amada pelo povo. Que tragédia!

Reduzem o mal às forças exteriores que nos atacam e não às estruturas relacionais que construímos. E de novo perguntamos: estamos na ética ou nas construções ideológicas alienantes que servem aos interesses financeiros de minorias? Estamos na religião que etimologicamente significa religar aquilo que se rompeu, reconstruir, restaurar relações na justiça?

Um texto do profeta Miquéias acusando os mercenários da religião me veio à mente:

Os profetas enganam o povo. Para os que lhes pagam eles prometem paz, mas ameaçam com guerras os que não lhes dão nada. (Miquéias 3,5)

Estamos em guerra e em ansiosa busca de Paz.

Quem tem entranhas para sentir que sinta, quem tem olhos para ver que veja e quem tem ouvidos para ouvir que ouça. ☪